

**Tem Boi na Foto: representação estética e cultural nas Festividades  
de Boi em Campos do Goytacazes\***

Elaine de Oliveira Silva<sup>1</sup>

Resumo: O presente trabalho aborda uma análise sobre a construção da imagem das comunidades que participam das Festividades do Boi, sob a ótica sociológica do processo de reconhecimento e afirmação da identidade das mesmas, uma vez que os valores estéticos representam a forma perceptiva da reprodução da auto-estima social dos grupos e do retrato de seus valores e história. Levando em consideração sua produção estética espontânea, procuramos caracterizar os simbolismos e representações presentes nessas manifestações e sua contextualização com o momento histórico que está sendo vivido por essas comunidades, mostrando como as mesmas se auto-representam.

Palavras-chave: cultura visual, cultura popular e identidade.

Abstract: This text is sociologically structured on the idea that the image construction of communities engaged with the “Festividades do Boi” helps to make their recognizing and identity affirmation processes stronger, once the esthetic values represent the way how the social self-confidence reproduction of these groups is noticed and so is their values and history portrait. We tried to characterize the symbols and representations of these parties and the link they have with the communities historical moment, trying to show that they esthetically represent and recognize themselves through time, using photographs shot by themselves or other ones, like newspapers.

Key-words: visual culture; popular culture; identity.

---

\* Trabalho de pesquisa de Iniciação Científica, realizado sobre a orientação do professor Sérgio Luiz Pereira da Silva. Fonte financiadora: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

<sup>1</sup> Aluna de graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

## **Introdução**

A imagem na sociedade contemporânea se justifica frente o campo de estudos sociológicos que usam dos registros audiovisuais como metodologia de reconhecimento e identificação das especificidades do objeto de pesquisa e o modelo de enfoque utilizado segue os padrões de análise dos *Estudos Culturais* e da *Sociologia Audiovisual*, (Featherstone, 1995; Bhabha 2000) e torna-se um motivador não só de reconhecimento social, mas também de reconhecimento estético da identidade. Utilizamos os elementos estéticos a partir do uso de imagens fotográficas para mapear o universo de representação cultural dos grupos das Festividades do Boi. Realizamos a análise sociológica da perspectiva do estudo sobre identidade e a imagem, com o enfoque sobre o fenômeno das afirmações e representações sociais da identidade baseadas em novas mídias no Norte Fluminense, mais especificadamente nas Festividades do Boi em Campos dos Goytacazes, seus atores sociais e os espaços públicos de sociabilidades.

## **Perspectiva histórica & Campo**

A pesquisa se consolidou na metodologia histórica no que tange a dimensão da produção: análise das imagens e sua relação com a estruturação da identidade das comunidades, levando em conta o contexto histórico de produção das imagens, dentro das especificidades de tempo, espaço e cronologia de acontecimentos. A fonte da análise, no que tange às imagens fotográficas, se constitui nas contidas nos arquivos dos jornais da cidade, entendendo que os jornais funcionam como espaço público midiático que é parte ativa no processo de afirmação social da identidade das comunidades.

Na cidade de Campos dos Goytacazes, o órgão que exerce a função de secretaria de cultura é a Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima e lá se encontram jornais em edições apenas dos últimos dez anos, as edições mais antigas se encontram no Arquivo Público Municipal. A análise partiu do ano de 1889 e a análise cobriu o mês de fevereiro (ou março, quando o carnaval cair nesta data), com a finalidade de ter descrições, informações e retratações da festa em si. A escolha desse ano deve-se ao fato de, já tendo fim à escravidão em 1888, suponho que dificilmente se noticiaria festejos de escravos; a localização do início dessas festividades encontra-se no fim do século XIX, informação presente na tradição da história oral

3

de Campos, pois ouvi a mesma informação de algumas pessoas com quem conversei, como o senhor Dalvino Costa, que afirma que “Essas coisas de brincar com Boi é do tempo dos antigos. Dos escravos. É muito antigo, só que agente sabe que é porque nosso avós contaram pra agente”.

*“Com muito gosto eram fruídos também, lá pela virada do século, os bailes, as ‘kermesses’ e as touradas. Isso é o que sabemos através dos jornais, que de certa maneira já falam endereçados a uma fatia (a letrada/alfabetizada) da população. É lógico e lícito supor que havia as manifestações populares mais autênticas acontecendo, fora dos olhos e dos interesses dos jornalizados cidadãos. Lamenta o Jornal de Campos em 17 de dezembro de 1889: ‘Sentimos dizer que entre nós é apreciado de preferência o funambulo, o palhaço, o boi pintadinho e outras quejandas a uma companhia lyrica ou dramatica. Triste, mas verdadeiro’.* (RANGEL JÚNIOR 1992: 3)

No Arquivo Público Municipal, além de jornais, encontrei um arquivo com cerca de 12.000 fotografias não catalogadas, pois não tem identificação nem temporal e nem espacial. Na análise dessas, consegui apenas 30 que se mostraram úteis ao meu propósito; se comparadas à quantidade das fotografias de carnaval, cerca de 4.000, mostram ser um número reduzido, o que abre precedente para a suposição de que o registro fotográfico dessas festividades, por parte da prefeitura, não é primordial dentro das comemorações do carnaval. Essas poucas imagens eram de apenas três Bois, sendo que no desfile de carnaval se apresentam cerca de 30.

Existe uma incoerência temporal e valorativa no que se refere às histórias sobre essas festividades e sua documentação avaliada. A tradição oral, seguida pelos jornais, localiza as mesmas no final do século XIX e início do século XX, sendo reconhecidas e tendo como auge os anos de 1940. Em “Campos: 50 anos de carnaval”: “Eram simples complementos que alegravam a cidade nas manhãs de domingo, nas horas e dias de carnaval que muito bem entendessem”. (ALMEIDA, 1992)<sup>2</sup> O autor localiza essa festividade se firmando na década de 1980; cita que essa valoração de ‘simples complemento’ acaba se opondo a outra visão: “(...) saiu às ruas [certo Boi – Pintadinho], percorrendo as principais praças da cidade, com o firme propósito de despertar

---

<sup>2</sup> Este livro foi publicado e revisado pelo próprio autor, em caráter amador. Não contém paginação.

4

nos homens a consciência de seus direitos e potencialidades” (GOMES, pág. 3). Já na visão de Rubinho da Maça<sup>3</sup>: os bois são a maior expressão cultural do município. Isso é tradição que passa de geração pra geração, um boi pintadinho é como se fosse um patrimônio deixado pelo pai para o filho, por isso nunca vai acabar”.<sup>4</sup>

Somada a essa incoerência, existe o fato de, não se sabe definir temporalmente, o boi pintadinho acabou por sofrer a influência da estrutura de uma escola de samba, se transformando em “Boi de Samba” ao se apresentar como uma escola no desfile, o que implicou em certa descaracterização do boi pintadinho histórico presente na memória dos indivíduos. O senhor Dalvino Costa afirmou ser o criador desse Boi de Samba (informação não confirmada por outras pessoas, que afirmam apenas não saber ‘como começou essa história de boi samba’). Quando perguntada sua opinião do porque dessa mudança, afirmou que “as pessoas se acostumaram ao samba, ou o Boi mudava ou morria.” O jornal *Campos de Cultura*, de abril/maio de 1992 fala sobre essa nova forma de apresentação do Boi:

*“Embora ainda sobreviva [Boi Pintadinho] sofreu considerável modificação, tornando-se irreconhecível para os que o viam em épocas passadas, quando era apenas simples expressão da alegria carnavalesca, despojada de adornos mais rico de motivações folclóricas. Muitas são as razões que provocaram as mudanças observadas. Tantas, que o Boi Pintadinho foi rebatizado para Boi de Samba. O fator principal foi a crescente infiltração dos sambistas das Escolas de Samba da cidade junto aos agrupamentos da antiga categoria, que nela encontram mais derivativo para seu entusiasmo de foliões. Isso decorreu da oficialização dos desfiles dos Bois por parte do Governo Municipal, a pedido da Associação Folclórica de Campos, a década de 70. Desde então os Bois Pintadinhos passaram a ter local para se apresentarem, horários, concursos e regulamentos. A competitividade para um segmento carnavalesco que não vivia preso a nenhuma injunção, que era livre para percorrer as ruas da cidade sem qualquer itinerário cercador,*

---

<sup>3</sup> Presidente da Associação de Bois Pintadinhos de Campos dos Goytacazes.

<sup>4</sup> Jornal O Diário, 25 de fevereiro de 2004. Carlos Grevi.

*foi forçando os dirigentes dos Bois Pintadinhos a dotá-los de maiores atrativos. As roupas de chita dos figurantes passaram a ter ornamentos sofisticados e, logo depois, já eram de cetim, com paetês, vidrilhos, lantejoulas. O que era simples aglomerado de foliões, sem qualquer organização simétrica, transformou-se em alas. Alegorias surgiram, assim como abre alas. (...) Enquanto as sociedades carnavalescas tradicionais foram desaparecendo sem deixar qualquer resquício, o Boi Pintadinho apenas se transformou. ”*

Na contra mão dessa descaracterização/recharacterização, Rubinho afirma que “o Boi não perdeu a tradição, pois representam a verdadeira tradição do carnaval de Campos”.<sup>5</sup> Essa nova caracterização acaba por tornar essas manifestações culturais únicas, pois o Boi de Samba é a única forma de festividade de boi que adquiriu essa modalidade.

### **Bibliografia**

ALMEIDA, Jorge da Paz. Campos: 50 anos de carnaval. Escola de Artes Gráficas Lar Cristão. 1992.

BHABHA, Hommi. O Local da Cultura. Editora UFMG.2000

FEATHERSTONE, Mike. O Desmanche da Cultura: Globalização, pós-modernismo e identidade. Rio de Janeiro, Estudos Nobel,1995.

GOMES, Artur. O Boi – Pintadinho<sup>6</sup>.

RANGEL JUNIOR, Vicente Marins. Recortes da Memória musical de Campos (1839-1965): Subsídios musicais para a construção de uma História da cultura campista. Dissertação de

---

<sup>5</sup> Jornal Folha da Manhã, 25 de fevereiro de 1998.

<sup>6</sup> Obra publicada em caráter amador. Sem ano de publicação.

6

mestrado apresentada ao Centro de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão do Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro em 15 de setembro de 1992.